

Visitando o passado com a arqueologia

A comunidade rural e seu papel
na preservação de sítios arqueológicos

Região Litorânea do Município de Linhares, ES

arqueologia

Visitando o passado com a arqueologia

A comunidade rural e seu papel
na preservação de sítios arqueológicos

Região Litorânea do Município de Linhares, ES

A publicação do presente material didático de Educação Patrimonial faz parte do projeto - “*a Comunidade Rural e seu Papel na Preservação de Sítios Arqueológicos na Região Litorânea do Município de Linhares, ES*” -, aprovado no dia 03 de novembro de 2015 pela SECULT (Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo), cujo principal objetivo é informar a comunidade residente nas proximidades dos sítios arqueológicos, localizados na zona rural do litoral linharensense, sobre a importância da preservação desses sítios e assim, “levar as crianças e os adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural” (HORTA,1999), bem como reconhecendo sua importância no papel de descobridor, conservadores e outros papéis ativos relacionados com sua relação com esses materiais.

Esse projeto foi aprovado através do edital de educação patrimonial (SECULT 13-2015), disponibilizado pela SECULT – ES, e utilizou recurso proveniente do Fundo de Cultura do Estado do Espírito Santo – FUNCULTURA.

Financiamento

Realizado com recurso do
Funcultura

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Cultura



Apoio



Projeto de Educação Patrimonial “A Comunidade Rural e seu Papel na Preservação de Sítios Arqueológicos na Região Litorânea do Município de Linhares, ES”.

Igor da Silva Erler

Coordenador

Dionne Miranda Azevedo

Arqueóloga

Ceso Perota

Arqueólogo Consultor

Henrique Antônio Valadares

Arqueólogo Consultor

Paulo Vinícius Bonfim

Técnico de Pesquisa em Arqueologia

Ananda de Souza Cardozo

Técnico de Pesquisa em Arqueologia

Diagramação e ilustração

Bold Publicidade e Propaganda

APRESENTAÇÃO

Considerada uma das regiões mais importantes do Espírito Santo, o município de Linhares reuni uma série de fatores históricos, culturais, ambientais e riquezas naturais que, bem antes da chegada dos colonizadores portugueses, contribuíram para o povoamento da região.

Seja com os grupos indígenas e seus antepassados de outrora ou com os povos europeus que ao longo desses 500 anos desbravaram as terras capixabas, a história do município de Linhares traz consigo episódios importantes sobre a ocupação do rio Doce e formação dos povoados em seu entorno. Além disso, temos informações sobre as batalhas, conquistas e resistências travadas entre indígenas, europeus e o povo africano registradas, por sua vez, em documentos de época, livros e registros de viajantes e vestígios materiais oriundos dos achados arqueológicos, que juntos ajudam a “recontar” o passado histórico da região.

O levantamento de informação, escrito ou proveniente de um material antigo, torna-se importantíssimo nesse processo de “resgate da história”, sendo a Arqueologia um grande instrumento para o descobrimento e entendimento dos vestígios deixados pelos grupos indígenas (por exemplo, instrumentos de pedra, potes ou cacos de cerâmica, restos alimentares como conchas e ossos), os colonizadores europeus e o povo africano (construções antigas como: casas, igrejas, bases militares e materiais domiciliares ou de trabalho como cerâmica, vidro, ferro e outros).

Assim, é com grande satisfação que apresentamos a você, caro leitor, a cartilha “**Visitando o passado com a Arqueologia**”, que nesta edição, visa abordar a história do município de Linhares a partir das informações obtidas através dos estudos arqueológicos que, por meio dos “*Sítios Arqueológicos*” nos revelam um pouco do cotidiano das populações pré-históricas e históricas que viveram na região linharensense, há muito tempo atrás...

Contudo, antes de avançarmos, muitos de vocês devem estar se perguntando: mas afinal o que é Arqueologia? Sítio arqueológico? E o que isso tem a ver com a história do município de Linhares?

É justamente sobre essas dúvidas e, principalmente, sobre a importância da Arqueologia para a construção e manutenção do patrimônio histórico e cultural não só local, mas da história capixaba e do país, que dedicamos os

primeiros capítulos dessa cartilha.

Após compreendermos o papel da Arqueologia e a importância do patrimônio, como uma herança cultural do nosso passado que deve ser preservada, passaremos a nossa visita ao passado da região, no qual nos depararemos com fatos e vestígios existentes nos sítios arqueológicos localizados no litoral linharensense que nos ajudarão a compreender a história do município.

Localizados em grande parte na zona rural do litoral de Linhares, entendemos que a preservação e identificação desses sítios arqueológicos está diretamente ligada ao conhecimento e conscientização da comunidade rural em preservar e conservar essas áreas. Para tanto, selecionamos no âmbito do Projeto de Educação Patrimonial “**a Comunidade Rural e seu Papel na Preservação de Sítios Arqueológicos na Região Litorânea do Município de Linhares, ES**”, os núcleos rurais dos distritos de Farias e Pontal do Ipiranga como palco para o desenvolvimento desse projeto que, devido ao alto quantitativo de sítios arqueológicos já registrados na região, necessita urgentemente de um trabalho de conscientização da população local, haja vista que esses sítios encontram-se ameaçados pelas atividades agropecuárias, aberturas de acessos, dragagens e pelo próprio desconhecimento sobre a existência dos mesmos.

Assim, esse projeto de educação patrimonial será transmitido de maneira individual a cada família residente na área de estudo, de modo que possa tornar seus membros *multiplicadores do conhecimento arqueológico* e com isso, permitir que cada núcleo familiar da comunidade possa transmitir o conhecimento adquirido para outros indivíduos da região e, assim, ajudar na proteção desse patrimônio no dia a dia.

Neste sentido, pedimos a você, caro leitor, residente e conhecedor da região para participar conosco desse processo de conhecimento da história e preservação desses bens arqueológicos que fazem parte da NOSSA História e que precisam ser preservados e protegidos!

Desejamos uma boa leitura a todos!

Equipe de Arqueologia

O PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO E CULTURAL COMO HERANÇA DO NOSSO PASSADO

O Patrimônio Cultural e Arqueológico é um bem público protegido pela legislação brasileira e os danos causados a este patrimônio são considerados crime contra o Patrimônio Nacional, passível de punição. Neste sentido, o patrimônio cultural pode ser definido como qualquer evidência ou manifestação da cultura de um povo: objetos históricos e artísticos, artesanato, monumentos que representam a memória regional ou nacional, centros históricos, festas religiosas e populares, danças e comidas típicas entre outros. Já o patrimônio arqueológico é composto por vestígios materiais, como artefatos de pedra, cerâmica, ossos, restos de habitação e de outras construções (igrejas, ruínas, vestígios de sepultamentos, entre outros sinais da ação humana no passado).

Locais aonde se encontram os vestígios da existência de grupos humanos que viveram no passado, os sítios arqueológicos configuram-se como os principais bens arqueológicos a serem preservados, já que são áreas expostas as ações naturais do tempo e, principalmente, a depredação humana, sendo necessário medidas de proteção contínua para garantia de sua preservação.

É importante frisar que os sítios arqueológicos são de baixa visibilidade no Brasil. Geralmente são localizados e identificados em situações específicas, como nos processos de licenciamentos ambientais de empresas ou pesquisas científicas. Raramente, especialmente no Espírito Santo que conta com um baixo número de arqueólogos, encontra-se profissionais da área com a disponibilidade financeira de desenvolver, em território estadual, projetos de longo prazo que visem o mapeamento e identificação de novos sítios para serem cadastrados e monitorados. Assim, percebe-se a importância de se ensinar nas comunidades o que são os sítios arqueológicos. Ensinar a população local a identificá-los e porque preservá-los é a melhor forma de protegê-los, visto que com a escassez de profissionais, o envolvimento da população se tornar imprescindível para a proteção dos sítios já existentes, bem como potencializa a possibilidade de novos achados promovidos pelos próprios moradores da região.

Nesta perspectiva, o patrimônio arqueológico e cultural é uma herança do passado, sendo sua preservação amparada por lei, devendo ser seguida, de maneira consciente pela população, a proteção desses sítios arqueológicos que compõe esse patrimônio.

VISITANDO O PASSADO COM A ARQUEOLOGIA

A arqueologia e os sítios arqueológicos

A Arqueologia é a ciência que estuda os costumes e culturas humanas a partir de seus resquícios materiais. Seu nome vem da junção das palavras gregas “*Arqueo*”, que significa antigo, e a palavra “*logia*”, que significa conhecimento, sendo a ciência que estuda os costumes e crenças dos homens no tempo.

Esta ciência é estudada pelo arqueólogo, profissional qualificado que busca descobrir objetos e demais evidências que identifiquem como o homem vivia no passado. Por sua vez, esses objetos são encontrados em lugares denominados “*sítios arqueológicos*”.



Escavação arqueológica no distrito de Pontal do Ipiranga, Linhares, ES.

Os sítios arqueológicos são locais aonde se encontram os vestígios da existência de grupos humanos que viveram no passado, sendo que nestes sítios podem ser encontrados: instrumentos em pedra (pontas de flecha, raspadores, lâminas de machado, polidores), cacos de cerâmica e outras evidências que comprovem a existência desses povos.

A seguir, através de imagens, apresentamos as principais informações sobre o trabalho do arqueólogo e como um sítio arqueológico é formado ao longo do tempo...



Escavação arqueológica e sambaqui com material malacológico.



Sequência de atividades de resgate arqueológico – Peneiramento de sedimentos, Sítio Canavial, Itapemirim, ES.



Balizamento, Corte Estratigráfico e Decapagem em trincheira realizado em sambaqui na área da UTG Sul Capixaba, Anchieta, ES.

DIVISÃO DA ARQUEOLOGIA NO BRASIL

No Brasil, a Arqueologia é dividida em “Arqueologia Pré-histórica”, levando em consideração os povos anteriores à chegada dos europeus no continente americano e, por sua vez, no Brasil, e “Arqueologia Histórica” que se refere ao período da chegada europeia até os dias atuais.

Arqueologia Pré-Histórica

O Brasil já era povoado mesmo antes da chegada dos europeus e o povo africano, sendo que povos indígenas e/ou seus antepassados (que viveram em tempos mais longínquos) de diversas etnias, línguas e costumes já se encontravam no território, sobrevivendo da caça, pesca, coletas de sementes, grãos silvestres e uma agricultura que já se iniciava, com o plantio de mandioca, milho e outros.



Índios Botocudos do Rio Doce. Local: Barra do rio Pancas, entre Colatina e Barbados, em 1909 (APEES-BRD-008).

Na região do litoral linharensense e adjacências, palco do presente estudo, o registro histórico e arqueológico indica a existência de sítios arqueológicos pré-históricos com aproximadamente 4.200 A.P., os quais indicam a existência dos seguintes grupos indígenas e seus antepassados habitantes da região no período pré-colonial e alguns grupos indígenas que tiveram “contato” com o colonizador:

Coletores sambaquianos (4.500 a 4000 AP).

Constituídas de populações humanas que habitaram os sambaquis localizados no antigo delta do rio Doce, nas proximidades da Lagoa de Suruaca, Lagoa Bonita, no rio Barra Seca e no rio Preto na região da localidade de Nativo, em São Mateus.

Caçadores do interior (3.500 a 2.000 AP).

Populações humanas que estavam na parte central do vale do rio Cricaré. Provavelmente essas populações eram de pequena densidade e por isso os sítios são poucos e de difícil identificação. Um desses sítios está localizado nas proximidades da Lagoa Bonita.

Coletores agricultores (2000 A 500 AP).

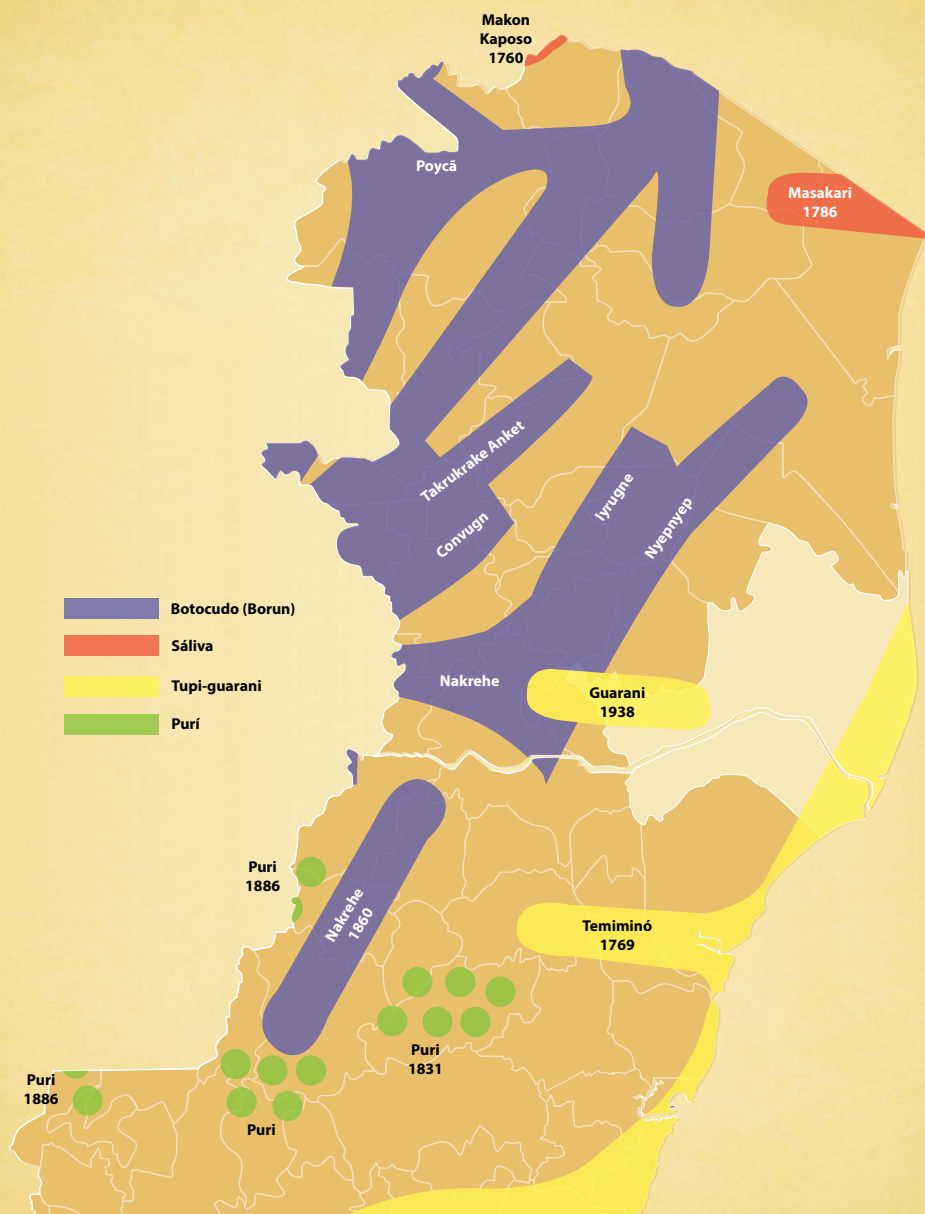
Grupos provenientes das tradições Tupiguarani e Aratu, fase Cricaré da Tradição Tupiguarani (2.000 AP). e fase Itaúnas da Tradição Aratu (1200 a 180 AP).

Grupos de contato.

Grupos Macro Ge – Malali, Mashacali, Pañame, Cumanasho.

Grupos Ge – Botocudos, Aimorés, e demais designações.





Redesenho do mapa contido em Nimuendaju, C. Pag. 90, 1981. Recorte do autor.

Classificação dos sítios arqueológicos Pré-Históricos existentes no litoral de Linhares

De acordo com as pesquisas arqueológicas, existem três tipos principais de sítios arqueológicos pré-históricos identificados no litoral de Linhares, a saber: Sambaquis, Sítios Líticos e Sítios Cerâmicos.

Sambaquis.

São sítios caracterizados pela grande concentração de conchas que chegam a formar pequenos elevados, conhecidos também como “monte de conchas”. Eles podem ter de 1 metro a 12 metros, geralmente possuindo conchas e outros materiais, como ossos de animais, objetos de pedra, e até mesmo sepultamentos humanos. Na região de estudo, podemos destacar o sambaqui Lagoa Bonita 06, popularmente conhecido como a “*casa do morro ou morro dos índios*”, localizado na *Fazenda Lagoa Bonita*, de propriedade do senhor Carlos Bernardino.



Sambaqui Lagoa Bonita 06 - Linhares.



Panorama dos sambaquis lagoa bonita 25 e 24.



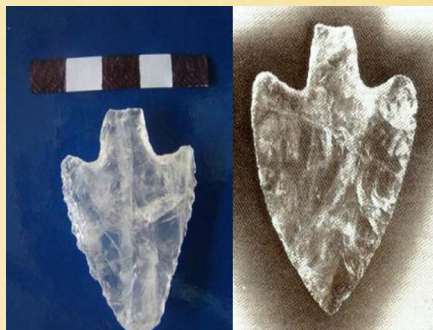
Material malacológico evidenciado através das sondagens realizadas na área do sítio Barro Novo 01.

Sítios Líticos.

São sítios representados pela grande quantidade de material de pedra lascada, polida ou utilizada de outra maneira pelos antigos habitantes da região, como machados e pontas de flechas. São sítios formados por grupos caçadores coletores, sendo encontrado, em alguns casos, restos alimentares (conchas, ossos de animais marinhos e terrestres) e outros.



Pré-pontas em fase de elaboração, Anchieta, ES.



Pontas de projétil, Vale do Rio Itapemirim, Jerônimo Monteiro, ES.



Pedra para obtenção de fogo, Anchieta, ES.



Lâmina de machado lascado e polido, Gruta do Limoeiro, Castelo, ES.



Conjunto de artefatos ósseos, Sítio UBU III, Anchieta, ES.



Ponta de projétil em Terminal de Arraia, Sítio UBU III, Anchieta, ES.



Adornos em dentes de mamífero, Rio Reis Magos, Serra, ES.



Acompanhamento funerário, Sambaqui do Limão, Vitória, ES.



Valvas de Lucinas (Almeija, Almeijoa) utilizadas, Anchieta, ES.

Sítio Cerâmico.

São sítios formados pela concentração de cacos ou artefatos de cerâmica, estando associadas a grupos ceramistas, por exemplo, os grupos indígenas Tupiguarani ou Macro Ge. Nestes sítios, encontra-se também restos alimentares (ossos de animais, restos vegetais) instrumentos de pedra e sepultamento humanos, sendo muitos deles, encontrados dentro de urnas funerárias.



Material Cerâmico encontrado no municio de Linhares, ES.



Cerâmica aratu do Sitio do nativo, São Mateus, ES.



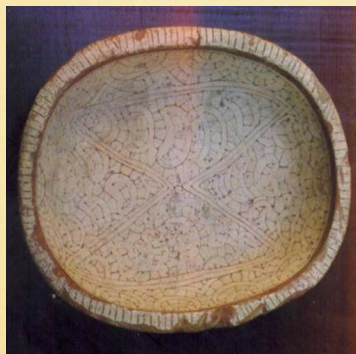
Material Cerâmico do Sitio Arnaldo Santos Filho, Distrito de Nativo, Município de São Matheus, ES.



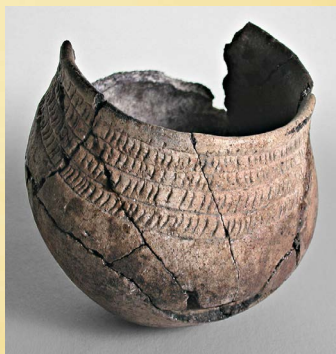
Cerâmica pintada e decorada plasticamente, Sítios do Norte do Estado do ES.



Urna Funerária da Tradição Aratu, Sítio dos Neves, São Mateus, ES.



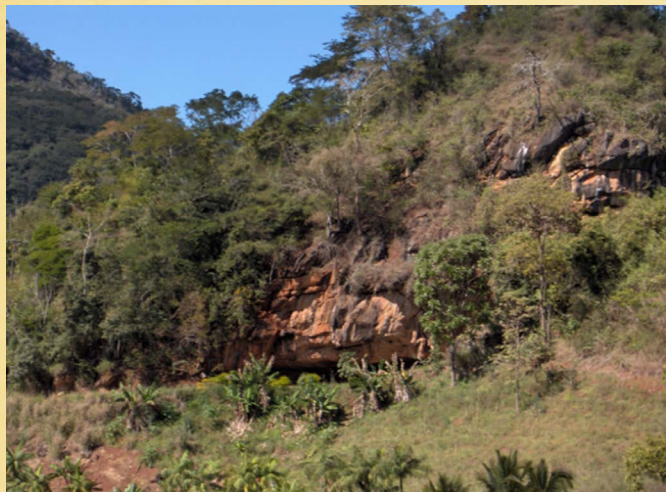
Cerâmica Tupiguarani (vaso), Piúma, ES.



Vaso da Tradição Aratu, Itaúnas, ES.

Outros sítios.

Embora não localizados na área de estudo, existem outros sítios relacionados com o período pré-histórico, como abrigos sobre rocha e sítios rupestres.



Sítio Arqueológico
Sob-Rocha – Gruta do
Limoeiro, Castelo, ES.

Arqueologia Histórica

A arqueologia histórica é ampla e complexa, e se divide nas mais diversas vertentes, dependendo do objetivo do sítio, de quem e quando o fez. De maneira geral, os “sítios históricos” estão vinculados a vestígios arqueológicos produzidos a partir da chegada europeia e africana no Brasil, a saber:

- Ruínas e/ou edificações antigas de igrejas, casas, bases militares, estradas;
- Restos construtivos como adobe, telha, louça, porcelana, garrafas de cerâmica, vidro e outros objetos domiciliares;
- Cerâmica cabocla e neobrasileira que apresenta traços de confecção indígena, africana e europeia;
- Estruturas e materiais quilombolas;
- Edificações mais recentes que retratam a colonização europeia mais tardia da região (a partir do século XIX) e outros marcos históricos importantes.



Ruínas do Rio Salinas, Anchieta, ES.



Metalurgia - Elo de corrente, Anchieta, ES.



Ruína da Igreja de
São Matheus, ES



Faiança portuguesa, Anchieta, ES.



Cerâmica de Torno (mais recente) fabricado no Brasil, Anchieta, ES.



Tinteiro (séc. XIX), Anchieta, ES.



Fragmentos de vidro, Anchieta, ES.



Garrafa de vinho, séc. XIX, Anchieta, ES.

Fundo de garrafa de vinho com marca (procedência francesa), séc. XIX, Anchieta, ES.



VISITANDO O PASSADO COM A ARQUEOLOGIA

Ocupação da região de Linhares e informações arqueológicas de Farias e Pontal do Ipiranga

A história do município linharensense remete-se as inúmeras incursões promovidas pelos “colonizadores” ao longo dos 800 km do rio Doce a procura de ouro e metais preciosos no século XVI e XVII.

Porém, após a descoberta do ouro em Minas Gerais no século XVII e os sucessivos bloqueios de trânsito comerciais impostos as regiões capixabas somados aos constantes ataques indígenas, tornaram o rio Doce e suas proximidades uma verdadeira barreira verde entre o sudeste e norte da colônia.

A partir do fim do século XVIII, com a queda da lei que impedia a colonização da região e a necessidade de criação de um caminho que ligasse a capitania do Espírito Santo, iniciou-se a instalação de quartéis na região, que protegiam o tráfego de pessoas até a capital da colônia, na época localizada na Bahia.

De um desses fortes, que foi elevado em 1809 a categoria de vila, surgiu a vila de Linhares nomeada em homenagem do barão de Linhares, conhecido como “novo pombal” pelo seu esforço em colonizar a região.

A chegada da família real no início do século XIX promoveu as primeiras ações de um “aquecimento” efetivo das economias da colônia brasileira. Em particular, o famoso decreto expedido por D. João VI em 1808 que permitia a “abertura dos portos às nações amigas” incentivou também a visita de inúmeros viajantes estrangeiros ansiosos para contanto com o “índio em estado natural”. Desembarcados na cidade do Rio de Janeiro, estes viajantes dirigiram-se para as regiões mais próximas da referida cidade, que os permitissem o tão desejado contato com o indígena in natura: era o norte do Rio Doce sendo desbravado!

Assim, durante o século XIX o Espírito Santo foi destino de diversos pesquisadores que, por sua vez, deixaram uma série de informações, em

específico, sobre o norte capixaba e as curiosidades observadas sobre os grupos indígenas ali existentes. Maximiliano Wied, Saint-Hilaire, Fellow, Freyreis, Biard, Hartt e o imperador D. Pedro II são alguns exemplos destas ilustres figuras que, ao visitarem as terras espírito-santenses, registraram detalhes importantíssimos sobre o cotidiano e características das sociedades indígenas.

As informações destes viajantes ressaltam ainda que a região teve a presença portuguesa desde a segunda metade do Séc. XVI e ajudam a entender a dinâmica dos povos indígenas, europeias e africanos na região.

ARQUEOLOGIA EM FARIAS E PONTAL DO IPIRANGA

A partir de 1970, a região do baixo rio Doce, a qual abrange os distritos de Farias e Pontal do Ipiranga, vêm sendo palco de inúmeros estudos arqueológicos e áreas afins que, por sua vez, possibilitaram a identificação de diversos sítios arqueológicos, em especial, sambaquis.

Segundo os estudos realizados na região, a existência desses sambaquis está relacionada com o último recuo do mar ocorrido aproximadamente a 5 mil anos atrás na região, fazendo que o mar recuasse cada vez mais. Neste tempo os nativos da região iam acompanhando o mar e fazendo os sambaquis nas suas bordas.

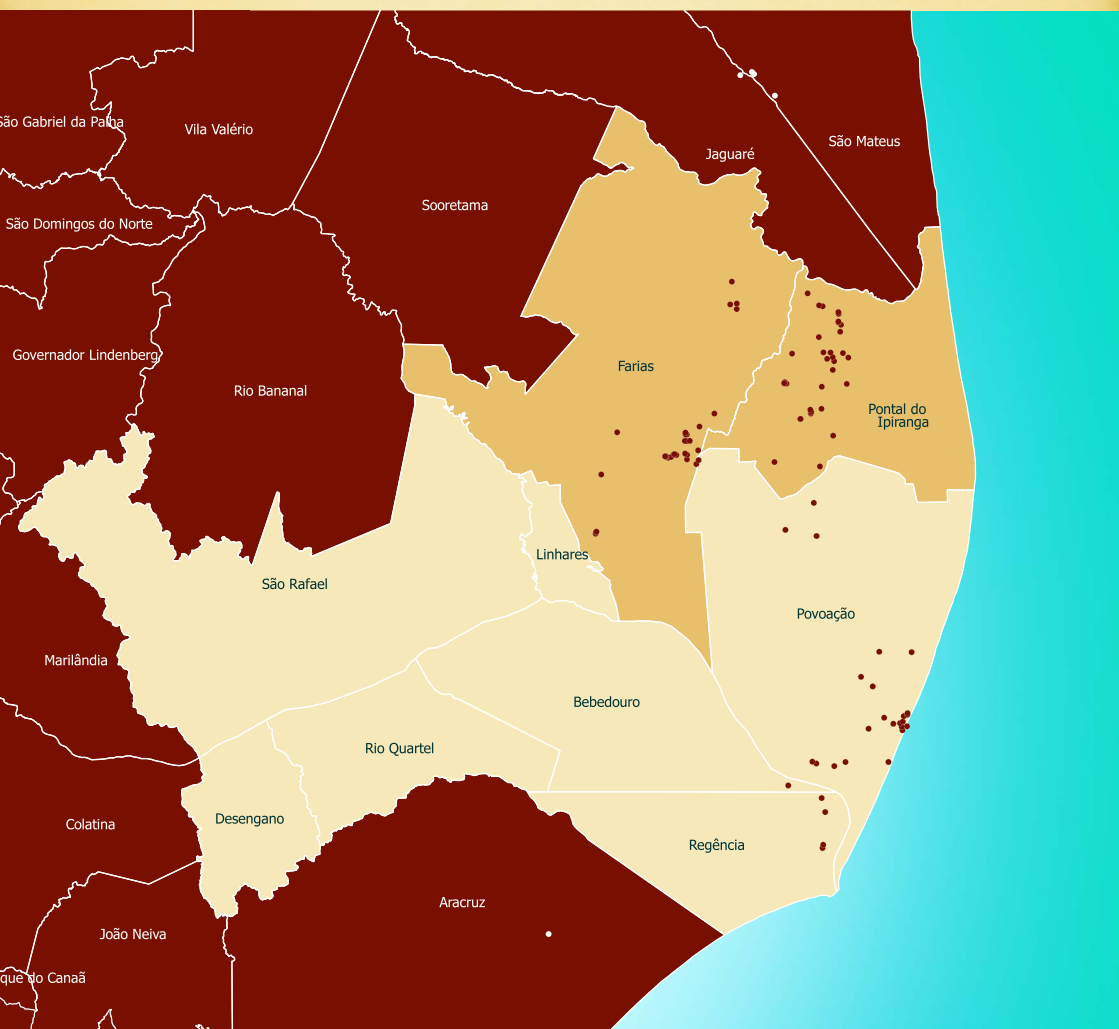
Estes sítios são de extrema importância para o aprofundamento das pesquisas arqueológicas sobre o povoamento antigo da região, sendo locais importantes para coleta de informações sobre os hábitos alimentares, de defesa e culturais desses povos que, por sua vez, representam e guardam a NOSSA PRÓPRIA HISTÓRIA!



Sambaqui destruído
por arado em
Presidente Kennedy, ES

A região de Farias e Pontal do Ipiranga apresenta diversos cenários com potencial para a existência desses sítios e outros tipos (cerâmicos, líticos, históricos), existindo, atualmente, um número grande de sítios localizados na região desses dois distritos, os quais estão cadastrados no Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (IPHAN).

Embora ameaçados pelas atividades agropecuárias existentes na região, muitos desses sítios ainda apresentam-se preservados ou parcialmente destruídos, principalmente, os sítios cerâmicos ou sambaquis localizados em áreas de lavouras de plantio anual como canaviais ou de arado constante como cafezais e preparação de pasto.



E O QUE FAZER QUANDO ENCONTRAR UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO?

Conforme informamos nesta cartilha, os sítios arqueológicos são patrimônio da União, sendo sua preservação garantida por lei, a qual deve ser seguida por todos nós.

No Brasil, contamos com o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (IPHAN) para promover a proteção dos sítios arqueológicos, sendo este instituto, um órgão federal, que regula e protege os bens materiais (sítios arqueológicos e outros) e imateriais existentes no país.

Neste sentido, quando nos deparamos com um sítio arqueológico devemos seguir algumas “regrinhas” para que o NOSSO patrimônio não seja destruído e que sua preservação seja garantida.

Vejamos na historinha abaixo, as ações de José, que durante a capina do seu terreno, se deparou com um material arqueológico...



Durante a limpeza de seu terreno José se deparou, entre uma enxadada e outra, com várias conchas que estavam distribuídas em um elevado, parecendo um “monte”.

Curioso, José pegou aquele material e ao reparar bem naquele monte de conchas lembrou que, dias atrás um pessoal da Arqueologia tinha visitado seu sítio e o ensinado muitas coisas sobre aquele tipo de material, inclusive, que lhe tinha entregado um livrinho para ele conseguir “identificar” sítios arqueológicos.



José deixou o material no mesmo local, já que tinha sido orientado a nunca levar material arqueológico para casa, e terminou sua capina evitando as áreas com presença de material, já que agora ele sabia que ao encontrar um sítio arqueológico deve-se evitar o máximo revolver a terra ou causar danos à área onde o material está disposto.



IPHAN INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO NACIONAL

Telefone 3323-0606

Quando retornou pra casa, José foleou seu livrinho e encontrou o número de telefone do IPHAN que a equipe de arqueologia tinha-lhe informado.

José fez o contato com o IPHAN e informou que tinha encontrado em seu terreno possivelmente um “sítio arqueológico”.

Dias depois, uma equipe do IPHAN foi ao local e, de fato, constatou a existência do sítio que, por sinal, é um **NOVO ACHADO** arqueológico para a região!



IPHAN
Sítio Arqueológico
“Sambaqui José da Silva”
Esse sítio arqueológico faz parte do Patrimônio Cultural protegido pela Constituição Brasileira e pela Lei Federal 3924/01.
Sua destruição ou retirada de qualquer material, constitui crime sob pena de multa ou detenção.

Após receber novas orientações do pessoal sobre os cuidados mínimos de preservação, a área do sítio arqueológico de seu José foi sinalizada e ele já tem consciência e compromisso em manter aquele trechinho do seu terreno preservado e conservado!

Faça como o seu José, observe seu terreno, oriente seus amigos e proteja o patrimônio arqueológico nacional!

Contato do IPHAN e da equipe de Arqueologia em caso de identificação de sítio arqueológico

IPHAN-ES: 3223-0606

Equipe de Arqueologia do IPAE: (27) 99933-1734

Grupo de Estudos de Arqueologia da UFES: 3335-7277

Referências Arqueológicas

ALMEIDA, Ceciliano Abel de. O desbravamento das selvas do Rio Doce. Rio de Janeiro. RJ. Olympio. 1959.

BIARD, Auguste-François Viagem à Província do Espírito Santo. Vitória. 1990.

EMMERRICH, Charlotte & MONSERRAT, Ruth. Sobre Aimoré, Kren e Botocudo; notas linguísticas. Boletim do Museu do Índio. Série Antropologia, Rio de Janeiro, (3): 1-45, 1975.

ERLER, Igor da Silva. LINHARES, BOTOCUDOS E O RIO DOCE, 2009, 45 f, Monografia de especialização, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

FUNARI, Pedro Paulo. Arqueologia. Ed. Contexto: São Paulo, 2003 .

GASPAR, Maria Dulce. Sambaqui: Arqueologia do Litoral Brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GONÇALVES, Felipe Pinto. Distribuição da população no litoral de Linhares-ES, Revista Geografares, nº16, p.94-119, Janeiro-Junho, 2014.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Museu Imperial, 1999.

METREAU, Alfred. La civilization matérielle des tribus Tupi-Guarani. Paris. 1928.

_____. The Puri-Coroado linguistic family. IN: Handbook of South American Indians. Washington DC., Smithsonian Institution, 1946, v.1, p. 523-30.

METREAUX, A. & NIMUENDAJU, C. The Mashacali, Patashó and Malali linguistic family. IN: Handbook of South American Indians. Washington DC. Smithsonian Institution, 1946, v.1, p.541-45.

PEROTA, Celso. Considerações sobre a Tradição Aratu nos Estados da Bahia e Espírito Santo. Boletim do Museu de Arte e História. Arqueologia. Vitória, (1): 1-12, set. 1971.

_____. Resultados preliminares sobre a arqueologia da região central do Estado do Espírito Santo. IN: PRONAPA; Resultados preliminares do 5o. ano. 69/70. Belém, Museu Paraense “Emilio Goeldi”, 1974, p. 127-39 (Publicações avulsas, 26).

_____. As datações de C-14 dos sítios arqueológicos do Espírito Santo. Revista de Cultura da UFES, Vitória, 4 (6): 15-16, 1975.

O Sítio Monsarás. Evidências Arqueológicas. (Dissertação de mestrado). USP. São Paulo. 1979.

_____. Evolução da paisagem e transição cultural. Estudos de arqueologia no litoral do Estado do Espírito Santo. Anais do 1o. Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário. Porto Alegre. 1987.

PEROTA, C. ; AZEVEDO, D. M. ; COSTA, H. A. V. . Programa de Prospecção e Monitoramento Arqueológico do Levantamento Geofísico Terrestre - Sísmica 3D Lagoa Bonita. 2013.

PEROTA, C. ; AZEVEDO, D. M. ; COSTA, H. A. V. . Programa de Prospecção e Monitoramento Arqueológico do Levantamento Geofísico Terrestre - Sísmica 3D Ibiribas. 2013.

PROUS, André. O Brasil antes dos brasileiros. A pré-história do nosso país. 2. ed. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2004.

ROCHA, Levy. Viagem de D. Pedro II ao Espírito Santo. Rio de Janeiro, 1960.

_____. Viajantes estrangeiros no Espírito Santo. Brasília. Ed.1971.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce. Belo Horizonte, Itatiaia/EDUSP, 1974.

SUGUIO, K.; MARTIN, L.; DOMINGUEZ, J. M. L. Evolução da planície costeira do rio Doce (ES) durante o quaternário: flutuações do nível do mar. Rio de Janeiro: ABECA, 1982.

WIED-NEUWIED, Maximiliano. Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817. Cia Ed. Nacional, 1958.



A. A.
loggia